



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCEG
CENTRO DE HUMANIDADES - CH
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA
CURSO DE GEOGRAFIA**

**A DINÂMICA ESPACIAL DA FEIRA LIVRE DO MUNICÍPIO DE
MACAPARANA – PE: O Processo de Resistência às Mudanças das
Formas Comerciais da Cidade**

ALBERTO ANDERSON DE ARAÚJO LIMA

Campina Grande
2016

ALBERTO ANDERSON DE ARAÚJO LIMA

**A DINÂMICA ESPACIAL DA FEIRA LIVRE DO MUNICÍPIO DE
MACAPARANA-PE: O Processo de Resistência às Mudanças das
Formas Comerciais da Cidade**

Artigo apresentado ao Curso de Geografia
(modalidade licenciatura) da Universidade Federal
de Campina Grande, Centro de Humanidades,
Campus de Campina Grande, para obtenção do
título de Licenciado em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Lincoln da Silva Diniz

Campina Grande
2016

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

L732d

Lima, Alberto Anderson de Araújo.

A dinâmica espacial da feira livre do município de Macaparana-PE : o processo de resistência às mudanças das formas comerciais da cidade / Alberto Anderson de Araújo Lima. – Campina Grande, 2016.

23 f. il. color.

Artigo (Licenciatura em Geografia) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2016.

"Orientação: Prof. Dr. Lincoln da Silva Diniz".

Referências:

1. Feira de Macaparana (PE).
2. Macaparana (PE) - Comércio.
3. Macaparana (PE) – Dinâmica Espacial. I. Diniz, Lincoln da Silva. II. Título.

CDU 339.174 (043)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA
CURSO DE GEOGRAFIA

FOLHA DE APROVAÇÃO

BANCA EXAMINADORA DE: ALBERTO ANDERSON DE ARAÚJO LIMA

TÍTULO: A DINÂMICA ESPACIAL DA FEIRA LIVRE DO MUNICÍPIO DE MACAPARANA-
PE: O PROCESSO DE RESISTÊNCIA ÀS MUDANÇAS DAS FORMAS
COMERCIAIS DA CIDADE

Campina Grande (PB), 28 de setembro de 2016.

Prof. Dr. Lincoln da Silva Diniz (UFCG - Orientador)

Prof.ª Dra. Kátia Cristina Ribeiro Costa (UFCG – Examinadora Interna)

Prof.ª Ms. Maria do Socorro Nicolly Ribeiro de Almeida (UFCG – Examinadora Interna)

Aos meus avós, pais, irmãos, sobrinhos e todos de minha família, que não negaram seu apoio durante toda a caminhada rumo à conclusão do curso.

AGRADECIMENTOS

São inúmeras as pessoas que contribuíram tanto de forma direta quanto indiretamente para a conclusão deste trabalho, sendo o primeiro a ser citado o professor Lincoln Diniz, por ter aceitado o desafio de ser meu orientador, começando um trabalho do zero, serei eternamente grato por suas orientações, conversas e por sua amizade.

A minha mãe Risolene, que me criou com muito esforço e dignidade, dando total condição para que chegasse a reta final deste curso, as minhas irmãs Ana Risia, Ana Gleice e Ana Mikechenamara, pela presença constante e fraternal que mantemos durante esses anos, bem como a meus sobrinhos José Cleisson e a pequena Analu, pelo sorriso doce com que me recebiam sempre que eu voltava para casa. “Tu és eternamente responsável por aquilo que cativas” - Antoine De Saint Exupery

Agradeço de forma gigantesca as pessoas que tiveram uma participação ativa durante alguns momentos da elaboração desse trabalho, aos meus amigos e irmãos Genilson Silva, Rogério Andrade e Emanuel Jesús Contreras. Não poderia deixar de agradecer a disposição de cada um de vocês.

Aos estudantes de Geografia 2012.1 Noturno, de forma especial aos meus primeiros amigos do curso, Noêmia, Felipe, Juliana, Talita, Alex e Yasmim, parte de nossa amizade se encontra nas folhas desse trabalho.

Aos também amigos do curso de geografia 2012.1 Diurno, com os quais eu tive um contato muito próximo, Thaisa, Leticia, Lívia, Luilton Polyana, Magda, Ulisses, Marcicleide, Jordânia, Evaldo, Maira, Mylena, Anizabel, e de forma toda especial a Josseane, pelas coxinhas e conversas compartilhadas na reta final do curso.

Também é justo agradecer aos amigos, que serviram de base espiritual, a todos do Grupo de Oração Universitário (GOU) de forma carinhosa a José Lucas, Irmã Isabeli, Irmã Maria Alice, Donylla e a dupla inseparável, Auxiliadora e Ana Britto.

Aos amigos com os quais compartilhei muitos momentos de gargalhadas e descontração durante o período em que escrevia este trabalho, Artur Barbosa, meu irmão de todas as horas, Daniele, minha vizinha barulhenta e que tanto queria estar hoje aqui.

Aos meus amigos de república, família construída ao longo das dificuldades e alegrias compartilhadas, por tantos momentos vividos nestes últimos cinco anos, não poderia deixar de dedicar a vocês esse trabalho, João Vieira, João Victor, Dimas, James, Lucas, Igor, Roberto, Tiago, Eduardo Almeida e Eduardo Natan.

E de forma especial aos feirantes da Feira Livre de Macaparana, pela disposição em que responderam aos questionários, e pelo carinho com que me receberam em seu ambiente de trabalho.

A DINÂMICA ESPACIAL DA FEIRA LIVRE DO MUNICÍPIO DE MACAPARANA-PE: O Processo de Resistência às Mudanças das Formas Comerciais da Cidade.

RESUMO

Este artigo aborda a dinâmica espacial Feira Livre do Município de Macaparana, situada na zona da mata norte do Estado de Pernambuco. Tendo visto a importância econômica, social e cultural que estes espaços possuem em diversas cidades do interior nordestino, os estudos sobre esses ambientes vem sendo efetuados de forma que possibilitasse uma análise acerca da importância da feira no processo de dinâmica da cidade, tentando entender também as diversas formas de comércio existente na feira. Para se atingir as respostas desejadas, foi necessário trilhar um caminho pré-definido, sendo: A pesquisa de campo, levantamento histórico, realização de entrevista, aplicação de questionários, registro fotográfico, análise de questionários e elaboração de gráficos. Tendo como resultado desse estudo, além da identificação da importância histórica e social da Feira Livre para o Município de Macaparana a identificação das novas formas comerciais que caminham lado a lado com as manifestações tradicionais de comércio.

Palavras-chave: Feira de Macaparana. Comércio. Dinâmica Espacial.

RESUMEN

Este artículo aborda el mercado ambulante del municipio de Macaparana, Pernambuco. Habiendo visto la importancia económica, social y cultural que estos espacios ganaron en diversas ciudades del interior del noreste, la interpretación sobre el ambiente estudiado se efectuó de forma que posibilitara un análisis acerca de la importancia del mercado en el proceso dinámico de la ciudad, intentando entender también las diversas formas de comercios existentes en el mercado. Para alcanzar las respuestas deseadas, fue necesario trazar un camino predefinido, siendo: delimitación del campo de estudio, investigación histórica, aplicación de encuestas, registro fotográfico, análisis de encuestas y elaboración de gráficas; teniendo como resultado de la pesquisa, además de la identificación de la importancia histórica y social del mercado ambulante para el municipio la identificación de las nuevas formas comerciales que caminan de la mano con las manifestaciones tradicionales de comercio.

Palabras clave: Mercado ambulante de Macaparana. Comercio. Espacio Dinámico.

1. INTRODUÇÃO.

A Feira Livre de Macaparana se apresenta como uma antiga forma comercial, mas que ainda se consolida na cidade como um importante espaço de práticas comerciais, como acontece em muitas pequenas cidades interioranas do país.

A origem das feiras é desconhecida com precisão, porém, reivindica-se o seu surgimento, como relata Braudel (1996) para o momento em que houve a produção de excedentes, havendo assim necessidade de haver trocas de produtos, primeiro entre os próximos e aos poucos obtendo dimensões cada vez maiores, ganhando com isso variedade de atores sociais tornando-se um verdadeiro campo aberto de relações, essa dinâmica apresentada no ambiente levou Braudel (1998) a defini-las como uma das formas mais diretas e transparentes de troca em todos os continentes.

Sendo assim, uma análise crítica sobre a Feira Livre deve sempre ser feita levando em consideração suas raízes históricas e de identidade, que é o que faz cada feira ser parte integrada de uma localidade, nesta perspectiva, este trabalho se propõe também a buscar e analisar as ligações históricas e sócias que existem entre a cidade e sua feira, tentando entender a influência desta no processo de construção e na dinâmica da cidade de Macaparana, este trabalho surge também para responder a essas questões relacionadas a essa relação, existente entre feira e cidade.

As feiras não são pontos estáticos e imutáveis no cotidiano das cidades, ao longo dos anos elas passam por mudanças e características são incrementadas enquanto outras são deixadas para trás, neste sentido, é de suma importância, para se entender uma feira saber que tipo de comércio é nela desenvolvido, neste sentido, este trabalho se propõe a analisar as formas atuais de comércios, bem como as transformações ocorridas neste espaço comercial.

2. AS FEIRAS LIVRES E A PRODUÇÃO DO ESPAÇO

Dentre as atividades comerciais desenvolvidas em uma cidade, as Feiras Livres se destacam pelo seu dinamismo e capacidade de transformação do espaço, na maioria das vezes, atendendo a população naquilo que é de necessidade básica para o dia-a-dia, contudo, não se sabe ao certo quando se deu seu surgimento, se pressupõe, entretanto, que tenha ocorrido ainda na Idade Média, pela necessidade de se fazer o escoamento do excedente daquilo que era produzido, como afirma Sousa (2004), sendo então a produção de excedentes “a principal causa da origem das feiras”. Ainda nesse contexto, é importante lembrar que as funções e atividades comerciais deram origens a

aglomerados urbanos durante vários momentos da história, muitas cidades nasceram e foram desenvolvidas a partir das atividades econômicas, como afirma Caio Prado Junior. (1886, p. 123)

Na Baixa Idade Média, [...] as cidades nasceram ou renasceram do desenvolvimento do comércio e da agricultura na Europa, que garantia o abastecimento desses centros urbanos. Formaram-se juntos aos portos ou ao longo das rotas comerciais, porém as mais prósperas estavam próximas de regiões agrícolas férteis e de tecnologia avançadas. PRADO (1886, p. 123)

Ainda nessa perspectiva Pirenne (2009, p. 116), observa que as feiras surgem “[...] para servirem de reunião periódica aos mercadores profissionais, a fim de os porem em contato uns com os outros e fazê-los confluir para elas em épocas fixas”, observa-se, portanto, nesses autores, que a atividade comercial é por excelência, uma atividade ligada à cidade, esta que nasce com caráter integrador e nessa integração as relações comerciais ganham um papel de destaque, logo, quanto maior o contingente populacional também se fazia necessário uma maior demanda por mercadorias, o que fazia inclusive com que as feiras acontecessem de forma periódica, uma ou duas vezes por semana, e essa ativação de um comércio urbano propiciou às condições necessárias para a destruição da economia feudal e acesso do modo capitalista. Sobre isso, comenta Spósito (2001, p. 31) “[...] ali se reuniam os comerciantes e a riqueza por eles acumulada, ali se concentravam os artesãos ocupados com a produção necessária à atividade comercial, e nesta medida se dava a ruptura da economia feudal”.

Ainda no que se refere à origem das feiras livres, encontra-se resquícios de práticas comerciais semelhantes em escritos no período equivalente ao início da era cristã, mostrando que nesse dado momento histórico e até mesmo antes, as relações de comércios, inclusive com uma conotação religiosa, já eram praticadas, conforme descrito na passagem Bíblica seguinte:

Chegaram a Jerusalém e Jesus entrou no templo. E começou a expulsar os que no templo vendiam e compravam; derrubou as mesas dos trocadores de moedas e as cadeiras dos que vendiam pombas. Não consentia que ninguém transportasse algum objeto pelo templo. MARCOS (11, 15-16)

Nesse pequeno trecho, podem ser encontrados sinais claros das relações comerciais que já existia naquele local, neste relato, motivado por questões religiosas e por ser naquele momento uma localidade central, aglomerando um grande contingente

de pessoas, alguns mercadores se aproveitavam para lucrar de alguma forma, comercializando animais no templo, inclusive para sacrifício, o que era comum na religião judaica, vê-se com esses fatos que as relações comerciais, sejam de forma organizada ou não, de forma simples ou mais complexa, na idade média ou em séculos anteriores, sempre existiram onde quer que o homem produza algo a mais do que aquilo que ele necessita.

No Brasil, segundo Mott (1975), que baseado em cronistas e viajantes da época afirma que algumas tribos mantinham certa relação de troca de alguns produtos, que em geral eram adereços e adornos corporais, essas trocas aconteciam em um local pré-definido e pela relação conturbada entre algumas tribos, a uma distância de cerca de cem metros os objetos eram mostrados aos indivíduos da outra tribo, sendo os produtos deixados à metade da distância para que o outro os pegassem, feito à troca, a trégua entre eles era rompida; entretanto não era uma relação que acontecia com muita frequência devido à relação de atritos que muitas vezes existia entre eles.

Como os nativos não produziam excedentes e, muitas vezes a relação entre tribos não dariam as condições para esse tipo de comercialização acontecer, os indícios mais fortes indicam que esses locais de negociação em solo brasileiro, só se consolidaram mesmo com a chegada do colonizador português, e se caracterizavam como um espaço de escambo de produtos entre os colonizadores e nativos, sobre essa relação entre eles, Mott (1975) vem falar que com a chegada dos colonizadores portugueses, os tupinambás passaram a comerciar produtos nativos, inicialmente animais e, depois produtos de maior importância para o estrangeiro, como o pau-brasil. Caio Padro Junior (1990, p. 25) dá sua contribuição afirmando que:

[...] miçangas, tecidos e peças de vestuário, mais raramente canivetes, facas e outros pequenos objetos os enchiam de satisfação; e em troca dessas quinquilharias empregavam-se arduamente em servi-los. [...] também presenteavam os índios com ferramentas mais importantes e custosas: serras, machados. PADRO (1990, p. 25)

Quanto a Diniz (2011), as diversas feiras no Nordeste brasileiro tem sua origem explicada pelo intenso período de comercialização do gado durante os séculos XVIII e XIX, o que possibilitou inclusive a formação de pequenos proprietários, que para comercializar seus animais, precisavam sair de seus domínios e se dirigirem até o local de troca ou venda e lá aproveitavam e ofereciam seus serviços por um determinado tempo, locais esses que ganhavam certa importância e com a formação das praças de

mercado que posteriormente proporcionaram o surgimento de algumas importantes cidades do Nordeste.

Desse cenário apresentado, até as feiras que hoje conhecemos foi percorrido um grande percurso, sendo, entretanto, as feiras atuais, herança das feiras de gado, que ainda existem em algumas cidades, e como reflexos da comercialização com o gado muitos outros produtos passaram a ser comercializados nesses espaços, que ganharam uma importância pela variedade do que ali é comercializado. Sobre isso, Cardoso (1975, p. 169), afirma que a feira livre é um “[...] fenômeno socioeconômico de importância capital na vida nordestina”, visto que até hoje a feira é a principal, e até o único meio de circulação de mercadorias em muitas das pequenas cidades interioranas do país, como também afirma Corrêa (1997, p. 69): “[...] quanto menor a cidade em termos de centralidade, maior será a importância relativa da feira semanal para a vida urbana”. Não se pode também descartar a importância dela, inclusive, para o comércio fixo, vista a íntima relação e a força que ele ganha através da feira livre, como afirma Felipe, (1982, p. 49).

a) grande parte dos feirantes se abastecem em suas lojas; b) a renda adquirida por esses feirantes termina circulando dentro de todo um espaço econômico, chegando grande parcela dessa renda aos cofres das lojas modernas; c) a feira dilata as possibilidades de venda no comércio moderno, por conta da quantidade de consumidores que ela traz para o centro comercial. FELIPE (1982, p. 49).

Com o crescimento das cidades, modernização dos meios de comércio e a variedade de produção, sobre os quais afirma Jesus (1992, p.92) "no período atual surgem os supermercados, um grande adversário para as feiras no varejo da cidade". As feiras, entretanto mais uma vez mostraram sua flexibilidade e passaram por uma atualização no intuito de permanecerem vivas, muitas ofertando os mais diversos tipos de produtos, deixando para traz em muitas localidades o caráter de comercialização de produtos para suprir apenas as necessidades primárias, tornando-se cada vez mais atrativa para os mais diversos públicos, contudo existe outro fator que caracteriza as feiras livres, além desse caráter de relação comercial, é o poder integrador que torna esses espaços palco de ligações afetivas e culturais, que acontece de forma natural pelo entrelaçado de atores que compõem a feira, que vai desde a relação direta entre vendedor que muitas vezes vem do campo ou de outras cidades para comercializar seu produto, ou do próprio comprador que frequenta esse espaço muitas vezes por encontrarem produtos com preço mais acessíveis, tudo isso faz com que haja uma forte

relação entre todos que frequentam esse espaço, como formulou Justino (1989, p. 275) sobre essas relações.

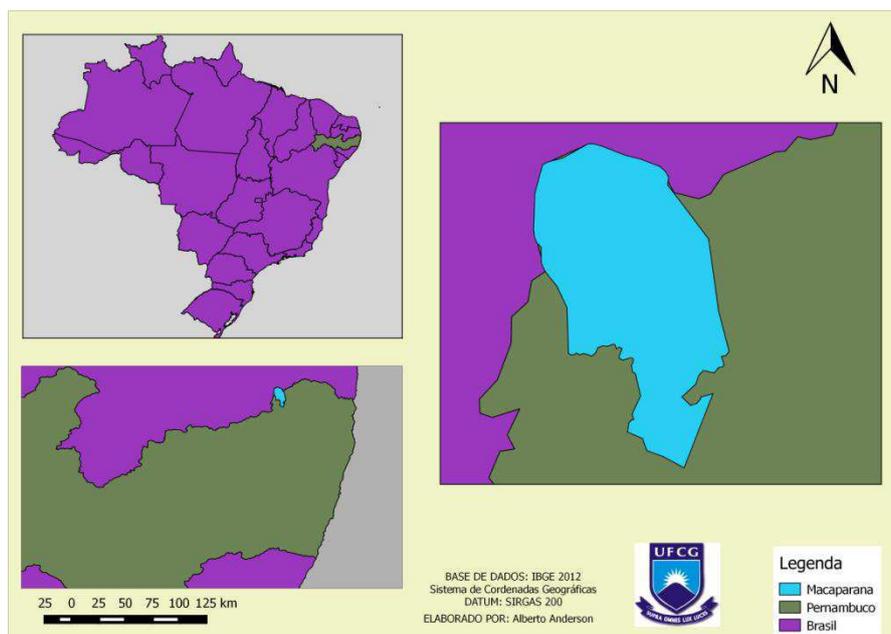
[...] antes de mais, um local de encontro. Aí, vendedores e compradores estabelecem os seus negócios, mas, por outro, integram-se numa trama de papéis sociais que transcendem as funções estritamente econômicas. JUSTINO (1989, p. 275)

Na mesma perspectiva Braudel (1998, p. 16), afirma que a feira se caracteriza como: “[...] centro natural da vida social, pois tudo se acelera com a feira”. É na feira que parte da vida social de uma cidade acontece, pois é um local destinado a interação comercial, mas que por esses motivos abrem-se espaços para pedintes, cordelistas, políticos, além de ser o espaço em que boatos, fofocas e notícias de importâncias locais são comentados e atualizados.

Diante disso, ao se analisar a dinâmica de uma pequena cidade nordestina, tentando entender como se dá o fluxo comercial e social, bem como a relação entre eles e sua importância material e imaterial, não se pode, de forma alguma negligenciar o espaço da feira e aquilo que ela representa. Nesta perspectiva, a partir das atribuições fornecidas pelos conhecimentos geográficos fazendo ressalva às suas categorias, pôde-se identificar o objeto de estudo e nele aplicar os devidos métodos de análise, empírica e documental, como também por meio de questionários. Visto que em virtude deste evento, (a feira), percebem-se mudanças em diversos aspectos da cidade, devido a sua importância enquanto fenômeno econômico e social, e que pela multiplicidade de acontecimentos simultâneos conotam a cidade um dinamismo único.

A história do município de Macaparana está inteiramente ligada à história da Feira, isso se dá de forma tão intensa que é impossível falar a origem de uma sem citar a outra. O Município de Macaparana está localizado na Zona da Mata Norte do Estado de Pernambuco, situada a uma distância de 83,34 km (em linha reta) do Recife, capital do Estado. Segundo as previsões do IBGE contava em 2014 com cerca de 24.904 habitantes, fazendo limite ao Norte com o Estado da Paraíba, ao sul com a cidade de Vicência; ao Leste com a cidade de Timbaúba e ao Oeste com a cidade de São Vicente Férrer, como podemos ver no mapa de localização seguinte.

Mapa 01- Localização do município de Macaparana-PE



É de extrema importância saber que Macaparana se localiza em uma área de grande produção canavieira, e chegou, em seu momento auge a ter dezessete engenhos dentro de seu território, uma atividade econômica que se desenvolve há séculos naquela região. Atualmente, a produção canavieira tem disputado muito espaço com a bananicultura e com os cercados para a criação de bovinos, sendo mesmo assim, a prática canavieira o “carro chefe” de toda a produção econômica municipal.

É possível encontrar no livro “*Anita Moraes, A Matriarca de Macaparana*” de Natália Tavares (2003,) um pouco do cenário em que ocorreu a criação da então Vila Macapá, (Primeiro nome da atual cidade de Macaparana) e percebe-se a partir de então a ligação da origem do local com as atividades comerciais. Ela relata em seu livro que por volta de 1870, o senhor Belo Feitosa, com a permissão do senhor de engenho e proprietário do local, construiu uma pequena casa para servir de base para suas atividades comerciais, vendo o sucesso de seu comércio decidiu montar com outras pessoas uma pequena feira, sendo então os primeiros moradores daquela região, os comerciantes Belo Feitosa, Manoel Panguengue e Simão Sinhô; posteriormente, por questões políticas, a feira foi proibida, fazendo com que o senhor Feitosa junto com outros se dirigissem até a cidade de També (atual Itambé), que era naquele momento a sede municipal, mostraram seus planos para o Prefeito que de forma imediata enviou o fiscal do município a fim de estudarem o pedido e dar o alvará para a liberação da feira, o que acontece dias depois. Dessa forma, a feira teve início de maneira oficial entre 1871 e 1873, na então já nomeada vila de Macapá, de frente a Igreja Católica, atual Rua

Nossa Senhora do Amparo, no trecho de encontro com a Rua Manoel Borba, neste espaço se organizava, naquele momento, um local de entreposto comercial, entre Timbaúba e São Vicente Férrer.

3. A FEIRA LIVRE DE MACAPARANA: ANÁLISE DA HISTÓRIA E IDENTIDADE ENTRE A CIDADE E A FEIRA LIVRE.

Na atualidade a Feira Livre de Macaparana acontece no centro comercial da cidade, na Rua Antônio Moraes e ruas circunvizinhas, sem que se tenham registros de qual momento na sua história essa mudança aconteceu, porém, sabe-se que a construção do Mercado Público Municipal, espaço dedicado ao comércio erguido em 1949 teve um papel fundamental nesse processo, pôs, com o crescimento das cidades, e como já foi citado no decorrer do trabalho, as feiras, até pela necessidade natural de acesso a mercadoria, se tornaram em determinados momentos na história das cidades o meio mais fácil de reabastecimento, e o mercado se torna espaço que gozavam de certo privilégio, tanto por ser um espaço pré-determinado para a prática da feira quando pela centralidade que exercia nas relações comerciais. Sobre o surgimento dos mercados, afirma Pintaudi (2006, p.84) que, “Muitos dos mercados tiveram sua gênese nas feiras que terminaram perpetuando-se, materializando-se em construções”.

Imagem 01 – Mercado Público Municipal de Macaparana



Fonte: Google Earth

Por falta de fontes bibliográficas que se referem à cidade durante quase todo período do século XX, foi utilizada a entrevista como procedimento metodológico, no intuito de obter dados relevantes para esta pesquisa a partir do conhecimento dos personagens ligados a Feira Livre da cidade.

O senhor Ramildo, funcionário da Prefeitura de Macaparana desde o ano de 1974, foi escolhido para relatar um pouco de sua experiência com a feira, como afirmou durante a entrevista, é residente na cidade e responsável por recolher semanalmente o imposto que cada feirante paga a prefeitura por suas atividades comerciais, quando indagado sobre a dimensão da feira o mesmo afirmou que ela ocupava uma área muito maior do que a ocupada atualmente:

“Antigamente aquela feira ali, de Toinho Cavalcante, Jair, descendo ali até na entrada do cemitério, saindo para a Rua do Banco do Brasil, tudo ali era feira, arrodando ali pela escola, o Maria Emília, tudo ali era feira e aquele pátio do mercado, fora do mercado [...]”

Segundo a fala do Senhor Ramildo, a feira passou por uma drástica mudança no que se diz respeito a sua área de abrangência a partir dos anos 1970, entretanto, pela ausência de material fotográfico que sirva de análise para fazer uma comparação através de um material visual, foram desenvolvidas as imagens abaixo para que sirvam como representação do discurso recolhido; Na imagem 02, vê-se a área de abrangência das bancas na Feira em meados dos anos 1970 e 80.

Imagem 02 – Disposição da Feira nos Anos de 1970/80



Fonte: obtidas na pesquisa, 2016

Toda a parte central da cidade era tomada pela Feira Livre, que sempre teve o sábado como dia oficial de seu acontecimento. Comerciantes que vinham de toda a zona rural do município comercializavam sua produção, bem como de outras cidades, nesse período, ainda segundo o entrevistado, a feira já atraía muitos compradores. Na figura seguinte (Imagem 03) temos a área coberta pela feira na atualidade, podemos ver a dimensão dessa mudança.

Imagem 03 – Disposição Atual da Feira



Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

O senhor Ramildo ainda sobre esse período, relata, sobre a dimensão de seu trabalho em comparação com o passado na feira:

“[...] era muito grande a feira daqui, agente, no tempo que trabalhava aqui, cobrava três pessoa ali e tinha dia que eu saia dali de onze horas do dia, meio dia, três pessoas eram para a arrecadação, hoje em dia duas pessoas, tem dia que dez e meia eu não tenho mais nada pra fazer, Anésio as vezes termina muito mais cedo, agente levava quatro talão de cinquenta folhas, as vezes voltava com uma ou duas perdida no meio Anésio e Simão também [...]”

Mesmo com a notória diminuição no tamanho da área ocupada pela feira, que fica evidente durante toda a fala do entrevistado, que contrapõe mais de quatrocentos feirantes com os duzentos da atualidade, contudo, ainda é possível perceber que a influência da feira na cidade ainda se dá de forma muito incisiva, atraindo durante toda a semana e de forma especial no sábado, pessoas de toda a cidade e dos distritos, que

vem de moto ou de transporte coletivo, inclusive Pau-de-Arara fazer suas compras ou comercializar produtos na feira local.

3.1 Dinâmicas Espaciais da Feira Livre de Macaparana

Na atualidade o ambiente de feira se caracteriza como espaço dos mais múltiplos acontecimentos, registrando nesse emaranhado de ações, relações econômicas e sociais. A Feira Livre analisada, como já foi mencionada anteriormente, acontece em toda parte interna e externa do Mercado Público Municipal, adentrando ainda algumas ruas circunvizinhas à estrutura do mercado, área esta visível na imagem seguinte (Imagem 04), formando o que é hoje a principal área comercial da cidade.

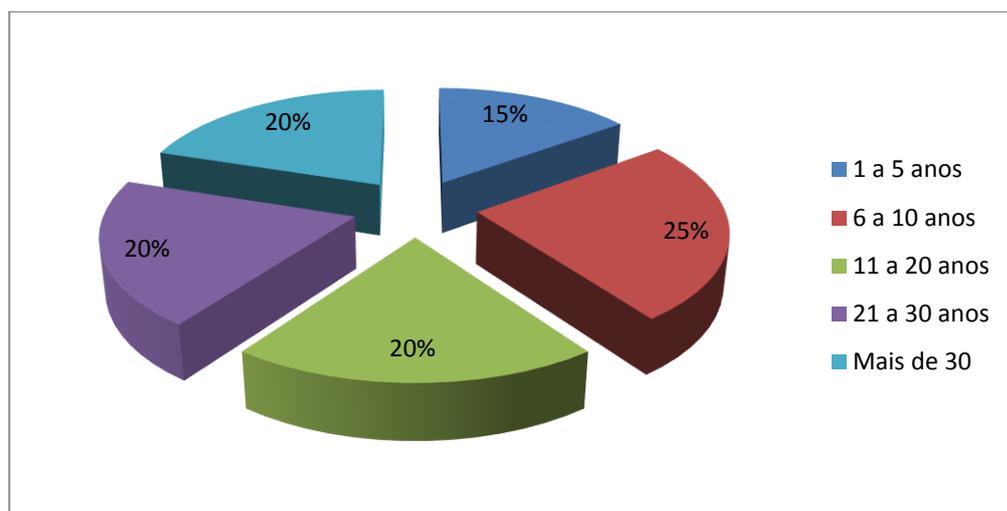
Imagem 04: Vista Aérea do Mercado Público e da Feira Livre Municipal.



Fonte: Macal, 2016.

Ainda segundo o senhor Ramildo, existem atualmente cerca de 200 feirantes atuando no comércio local, através da aplicação do questionário pudemos observar que cerca de 70% dos feirantes entrevistados são residentes na cidade, os outros 30% se dividem entre os que vêm da zona rural e de outras cidades. Quando perguntados sobre o tempo de atuação na feira 40% deles trabalham a mais de 20 anos, como podemos ver no gráfico a seguir. (Gráfico 01)

Gráfico 01 – Tempo de Exercício dos Feirantes



Fonte: Dados da pesquisa de campo - Agosto/2016.

Ao observar o espaço da feira é possível de ser notado que a grande maioria dos feirantes instala-se em seus espaços na quinta-feira, tendo aqueles que já começam a desenvolver suas atividades no início da semana, acontecimento que pode ser explicado pelo fato de muitos terem a feira como principal fonte de renda, e que, segundo relatos dos próprios feirantes, a queda nas vendas nos últimos meses que aconteceu devido à crise, sendo reforçado pelo fechamento temporário da agência bancária da cidade¹, força os mesmos a estender sua rotina de trabalho.

É possível, observando na feira de Macaparana, a conservação do caráter regional deste espaço, e é comum se vê ainda, o modelo tradicional de negociação por parte dos feirantes, seja com as bancas de madeira e até com produtos expostos sob uma lona, sendo este ultimo mais comum para a comercialização de banana².

Ao observar o espaço da feira livre é possível identificar também o grande número de comércios modernos que se desenvolveram no entorno deste espaço: sendo em sua maioria, supermercados, lojas de roupas e produtos de beleza. Sobre o crescimento dessas novas formas de comércios, é possível ver opiniões diversas entre os feirantes, uns dizem que “prejudicou” as vendas; outros, que “ajudou”, já que aumenta a circulação de pessoas dentro da feira. Na imagem seguinte é possível ver parte dessas novas formas comerciais. (Imagem 05).

¹ No dia 6/04/2016 o Banco do Brasil do município teve os caixa eletrônicos explodidos por um grupo de assaltantes fortemente armados, os suspeitos fecharam as duas entradas de Macaparana e colocaram grampos na estrada para evitar a perseguição de policiais.

² Os municípios de Macaparana e São Vicente Férrer se destacam na produção e comercialização regional da cultura bananeira na Zona da Mata Pernambucana.

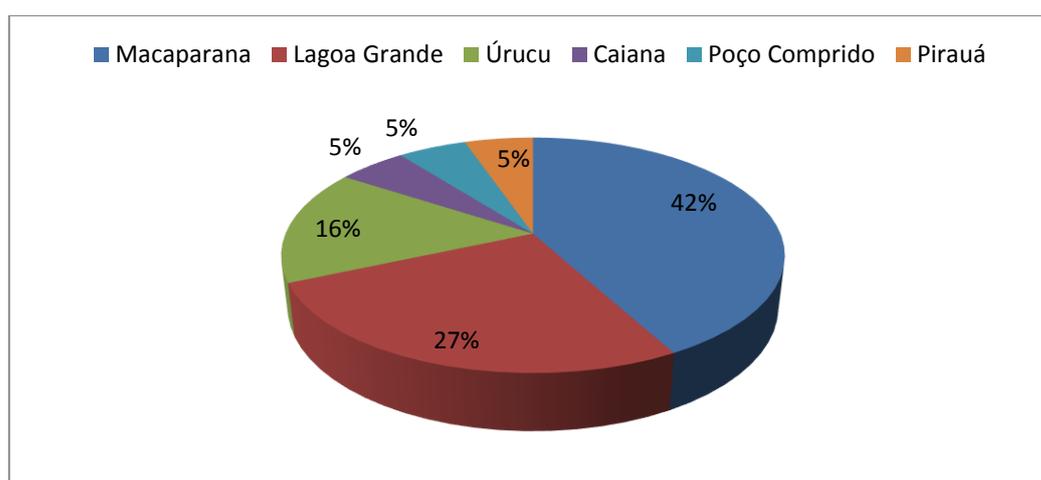
Imagem 05: Comércio Desenvolvido no Entorno da Feira.



Fonte: Leôncio Francisco, 2016.

A Feira Livre de Macaparana, por ser a única do município exerce uma forte centralidade, nas regiões vizinhas da cidade, atraindo nos dias de sexta e sábado um grande fluxo de pessoas. Assim sendo, foi investigada também nesta pesquisa, a origem dos clientes presentes na feira, ao aplicar o questionário com os consumidores, constatamos que mais da metade dos entrevistados vinham da zona rural do próprio município, especificamente de comunidades rurais e distritos, como: Lagoa Grande, Uruçú, Caiana, Poço Comprido e Pirauá, como mostra o Gráfico 02.

Gráfico 02: Origem dos Consumidores



Fonte: Dados da pesquisa de campo - Agosto/2016.

O contingente populacional que se dirige a feira, especialmente, no sábado, muda a dinâmica espacial da cidade, tanto a quantidade de carros estacionados pelas

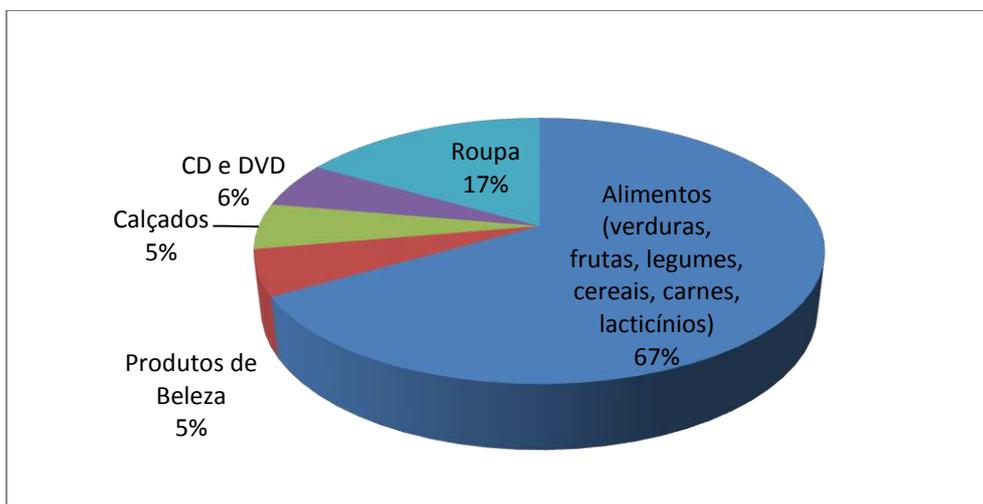
ruas, a quantidade de moto taxistas, quanto o fato de a feira interditar três ruas da parte central da cidade, influenciam para essa mudança.

Sobre as expectativas para o futuro da feira, os feirantes demonstraram-se um pouco apreensivos, visto que segundo os mesmos as vendas tem caído muito nos últimos meses, sendo a principal causa à desativação momentânea do banco da cidade devido à ocorrência de assalto de grande porte no local com isso os moradores se deslocaram para as cidades vizinhas efetuarem suas transações bancárias e, lá mesmo, fazerem suas compras, ocasionando, com isso, perdas de consumo para o comércio da Feira Livre de Macaparana.

3.2 Formas Comerciais, Consumo e Fluxos.

Os produtos comercializados pelos feirantes são em sua maioria vindos de fora, tendo as frutas e verduras como produtos mais comercializados, vindos em sua maioria da CEASA³ do Recife, mas tendo também roupas e sapatos, bem como o tempero, o tradicional “pé de moleque” e a famosa barraca do sarapatel com pão. No gráfico abaixo vemos a disposição na oferta de produtos entre as barracas entrevistadas.

Gráfico 03: Principais Produtos Comercializados na Feira de Macaparana



Fonte: Dados da pesquisa de campo - Agosto/2016.

Os produtos de gênero alimentícios são à base da feira municipal, sendo toda a parte interna do Mercado Público local de comercialização de carne, esta que vem em sua grande maioria do Matadouro Público Municipal, onde é comum se ter o abate de animais de produtores locais. Os cereais, verduras e frutas, são comercializados na parte

³ Ceasa/PE é uma Organização Social (OS) cuja missão é Racionalizar e aperfeiçoar os processos de Comercialização e de Abastecimento de Produtos Alimentícios

externa do mercado, são em sua grande maioria vindos da CEASA, como já foi pontuado, porém, é possível encontrar bancas onde os vendedores comercializam junto desses produtos parte de sua própria produção.

Ao visitar o local de estudo, pôde ser analisado a princípio que a Feira Livre de Macaparana, assim como outras feiras em cidades pequenas, preserva características peculiares, típicas das feiras tradicionais nordestinas, como pode ser visto na imagem seguinte, onde se tem a comercialização de feijão, farelo e farinha, bem como a comercialização de temperos, sendo que o primeiro comercializado na parte interna do Mercado Público, e o segundo na parte externa. (Imagem 06),

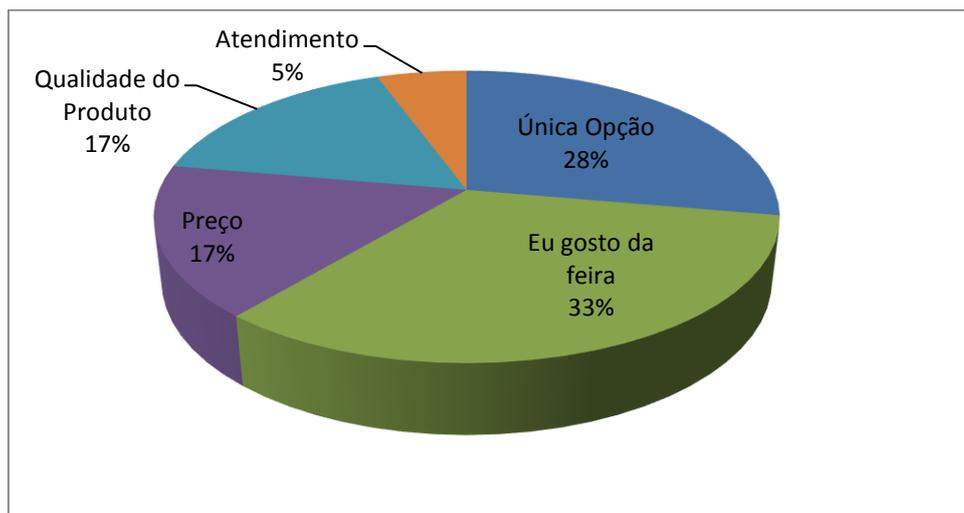
Imagem 06: Bancas Tradicionais de Comercialização – cereais e tempero



Fonte: Leôncio Francisco, 2016.

Entretanto, além das relações econômicas já bem descritas, a Feira Livre é marcada pelas relações sociais, sobre isto, Braudel (1998, p.16) afirma que, a feira é “[...] um centro natural da vida social. É nela que as pessoas se encontram, conversam, se insultam, passam de ameaças às vias de fato; [...]”. Essa afirmação foi constatada quando foi perguntado sobre os motivos das pessoas preferirem fazer suas compras na feira; como resposta apenas 28% afirmou que frequentavam a feira por ser única opção, os outros 72% afirmaram que preferiam a feira pelo preço, por gostar do espaço e pela qualidade do produto. Como pode ser visto no gráfico seguinte.

Gráfico 04 – Motivações em Frequentar a Feira para Compras



Fonte: Dados da pesquisa de campo - Agosto/2016.

A feira é por excelência um espaço propício para a interação, por isso, é comum andar e ver pessoas conversando ou mantendo alguma relação para além das práticas comerciais, como esse grupo de senhores que conversavam enquanto compravam em uma das bancas de tempero. (Imagem 07)

Imagem 07: Grupo de Senhores que Conversavam



Fonte: Leôncio Francisco 2016

Ainda como expectativas surgem às novas faces da feira, é visível ao andar por entre as barracas a introdução de elementos modernos em meio ao que é tradicional,

roupas, sapatos, aparelhos celulares, CD e DVD; são alguns dos itens que atualmente são comercializados. Sobre isso, Sales (2011, p. 10) comenta que “[...] a nova lógica de produção acaba por homogeneizar costumes e consumo impondo assim a venda ou a utilização pelos feirantes dos ícones modernos”. Assim sendo, o espaço da feira é o palco onde as relações comerciais e sociais, o tradicional e a modernidade caminham lado a lado.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou estudar o fenômeno da feira em sua perspectiva histórica, econômica e social, com ênfase na produção do espaço da cidade de Macaparana, espaço este que se apresenta como palco de muitos acontecimentos, tendo a sua feira como importante local de relações sociais e de consumo ao longo de sua existência.

A feira dentro de uma perspectiva histórica nasce com caráter comercial, característica que permanece e encadeia a razão de ser dela até hoje, e como já foi ressaltado, em Macaparana ela é o principal espaço dedicado aos negócios informais, dando oportunidade aos pequenos comerciantes e donos de pequenas bancas que se agrupam no centro da cidade nos dias de feira, se apresentando por vezes para alguns desses feirantes como única ou a principal fonte de renda.

Pôde-se notar durante a execução deste trabalho que a Feira livre do referido município configura-se como um espaço, que além da importância econômica, é permeada por relações sociais, e por isso cheia de simbolismo, sendo para os moradores de muitos dos povoados a única oportunidade semanal para ir até a sede municipal resolver problemas burocráticos e até encontrar amigos para trocar informações.

Pode ser notada a comunicação permanente entre o tradicional e o atual, o diálogo entre as heranças culturais e as novas formas globais de comércio, enquanto de um lado se tem o vendedor moendo tempero e pesando feijão na balança para vender, do outro, grandes mercados encontram-se a disposição da população. De um lado o vendedor de cachorro quente com sua pequena carroça, de outro lado à lanchonete com todas as suas opções.

Podemos afirmar, portanto, que a feira apesar de acontecer na cidade não se configura como algo exclusivo da cidade, vista que há grande quantidade de pessoas que se deslocam para participar deste evento social. Com os dados obtidos nesta pesquisa, pode ser constatado a importância e dinamismo na cidade gerada através da feira, interferindo de forma bastante incisiva no cotidiano dos moradores, seja pela

grande quantidade de veículos motorizados, seja pela imensa quantidade de pessoas nas calçadas e disputando o espaço dos carros.

Entretanto, apesar de gerar um movimento compatível com o tamanho da cidade, as vendas e o movimento da feira vem caindo nos últimos meses, segundo os feirantes, tudo isso devido à falta de políticas públicas e de forma mais incisiva, volto a ressaltar, pelo fechamento temporário da única agência bancária da cidade, o que deveria levar o poder público a tomar algumas atitudes no intuito de resolver essa situação, visto que interfere de forma direta na economia da cidade.

5. REFERÊNCIAS

- BRAUDEAL, Fernand. Os jogos das trocas. São Paulo: Martins Fontes, 1998, v2.
- BRAUDEL, F. Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV-XVIII. (Tradução Telma Costa). Vol. 2. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- CARDOSO, Maria Francisca Thereza C. Feira de Caruaru. In: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Tipos e aspectos do Brasil. 10. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Departamento de Documentação e Divulgação Geográfica e Cartográfica, 1975.
- CORRÊA, Roberto Lobato. Trajetórias geográficas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- DINIZ, L. S. As bodegas da cidade de Campina Grande: dinâmicas sócio-espaciais do pequeno comércio. Campina Grande, EDUFCG, 2011
- «Estimativa Populacional 2014». Estimativa Populacional 2014. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). agosto de 2014. Consultado em 29 de agosto de 2016.
- FELIPE, José Lacerda Alves. Aspectos socioeconômicos da feira de Caicó. Revista Terra e Sal, v. 1, n. 1, set./nov. 1982.
- JESUS, Mascarenha. O lugar da feira-livre na cidade capitalista. In.: Revista de Geografia. Rio de Janeiro, v. 54, n. 1, 1992. p. 95 – 121.
- JUSTINO, D (1989). A Formação do Espaço Económico..., p. 275.
- MARCOS. In: A BÍBLIA: edição pastoral. São Paulo: paulus, 2004.
- MOTT, Luis Roberto de Barros. A feira de Brejo Grande: um estudo de uma instituição econômica num município sergipano do baixo São Francisco. 1975. 348 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade de Campinas, Campinas/SP, 1975.
- PINTAUDI, S. M (Os Mercados Públicos: Metamorfoses de um Espaço na História Urbana; <http://revista.fct.unesp.br/index.php/revistacidades/article/viewFile/505/537>; (27/08/2016)
- PIRENNI, Henri. As cidades da idade média. Portugal: Publicações Europa-América, 2009.
- PRADO JUNIOR, Caio. História Econômica do Brasil. São Paulo: Editora brasiliense: 1986.
- PRADO JUNIOR, Caio. História econômica do Brasil. 38. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- SALES, A. L. P. Comercio e Localização: A feira e a centralidade urbana de Campina Grande; <http://www2.fct.unesp.br/semanas/geografia/2011/2011urbana/Andrea%20Leandra%20P.%20Sales.pdf>. (09/09/2016)
- SOUSA, Gonzaga de Luis. Memórias de Economia, edição electrónica. Texto completo em www.eumed.net/coursecon/libreria/. (10/08/2016)
- SPÓSITO, Maria Encarnação B. Capitalismo e urbanização. São Paulo: Contexto, 2001.
- TAVARES, Natália. 1974 – Anita Moraes: a matriarca de Macaparana: biografia/ Natália Tavares, Antonio Roberto G. Andrade – Recife: Ed. Dos autores, 2003.